

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA**  
**PARTE II – OUTRAS VISTAS DO CAMPO DE BATALHA**  
**25 e 29 de Maio de 2023**

**BEACH RED / 1967**

*Um filme de Cornel Wilde*

Realização: Cornel Wilde / Argumento: Clint Johnston, Donald Peters e Cornel Wilde [sob o pseudónimo de Jefferson Pascal], baseado no romance homónimo de Peter Bowman / Direcção de Fotografia: Cecil Cooney / Direcção Artística: Francisco Balangue / Música Original: Antonino Buenaventura / Som: James Chapman / Montagem: Frank P. Keller / Interpretação: Cornel Wilde (capitão MacDonald / narrador), Rip Torn (sargento Honeywell), Burr DeBenning (Egan), Patrick Wolfe (Cliff), Jean Wallace (Julie), Jaime Sanchez (Colombo), Dale Ishimoto (Capitão Tanaka), Geni Koyama (Coronel Sugiyama), Gene Blakely (Goldberg), Michael Parsons (Lindstrom), Norman Pak (Nakano), Dewey Stringer (Mouse), etc.

Produção: Theodora Productions, para a United Artists / Produtor: Cornel Wilde / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 105 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Se a documentação não falha, este é o segundo filme realizado por Cornel Wilde a ser projectado nesta cinemateca. O outro, imediatamente anterior ao que vamos ver hoje, foi **The Naked Prey** (1965), aqui mostrado nos anos 90, e talvez o mais célebre (ou o menos obscuro) dos filmes dirigidos por Wilde. É um excelente filme, como quem o viu recordará. **Beach Red** não será tão bom como esse, mas é uma obra singularíssima, pessoalíssima, que aguça a curiosidade pelo conhecimento de mais filmes do actor/realizador. E ainda mais surpreendente quando visto hoje, porque alguns filmes de guerra feitos entretanto – do **Saving Private Ryan** de Spielberg ao **Letters from Iwo Jima** de Clint Eastwood, passando muito especialmente pelo **Thin Red Line** de Malick e até, um pouco, pelo **Apocalypse Now!** de Coppola – parecem ter vindo colher alguma inspiração a **Beach Red**.

Também não é muito do conhecimento geral que Cornel Wilde foi um dos primeiros “independentes” de Hollywood, com uma carreira de realizador e produtor a correr em paralelo com a sua muito mais conhecida carreira de actor, através da empresa, a Theodora Productions, que fundou com a mulher, Jean Wallace (também uma presença em **Beach Red**: uma breve aparição no papel da mulher do capitão MacDonald, interpretado por Wilde, e sobretudo a canção do générico inicial, cantada pela sua voz). Para a Theodora dirigiu Wilde nove filmes entre 1955 e 1975, e produziu vários outros (logo a primeira produção da Theodora foi um marco absoluto da história do “noir” e da série B: o **The Big Combo** de Joseph H. Lewis).

Não há muitos estudos aprofundados (para não dizer que não há nenhum) sobre a obra de Wilde, mas é de crer que as razões da sua “independência” são as mesmas de todo o “independente”: fazer o que bem lhe apetecesse, com a liberdade limitada apenas pelos meios, quase sempre escassos, ao seu dispor. Presente-se isso em **Beach Red**, filme de guerra que

não tem propriamente antecedentes (embora possa ter alguns parentes mais ou menos afastados, como o **The Red Badge of Courage** de John Huston, que aqui vimos no princípio do mês), e que volta à II Guerra e à campanha americana no Pacífico numa altura em que era cada vez mais intenso o envolvimento militar americano no Vietname. Só o facto de o filme, com a sua carga anti-belicista, existir contra esse fundo histórico que lhe era contemporâneo, era por si mesmo significativo, e as críticas da época notaram isso – que, sem mencionar o Vietname uma vez que fosse, Wilde se posicionava politicamente perante o assunto. E por certo um dos primeiros filmes americanos, ainda que desta forma puramente alusiva, a ecoar o conflito vietnamita, obviamente numa perspectiva crítica (Wilde era um activo simpatizante dos Democratas, pertencia à “ala esquerda” de Hollywood), completamente distinta do que, por exemplo, outro actor-realizador, John Wayne, faria no ano seguinte com o infame **The Green Berets**, incentivo e apologia da guerra americana no Vietname.

A dimensão interiorizada de **Beach Red**, com todos os seus monólogos interiores e em “off”, todos os seus momentos que procuram a contemplação e o contraste entre as rotinas da natureza e as rotinas da guerra entre os homens, vem provavelmente da sua matriz literária. O filme de Wilde também desperta a curiosidade para romance de Peter Bowman, ao que supomos nunca traduzido nem publicado em Portugal, descrito como “um longo poema em prosa”, que terá sido uma das primeiras memórias escritas da frente de combate da II Guerra (Bowman, que foi militar nas campanhas do Pacífico, publicou o seu livro mal foi desmobilizado, logo em 1945, ainda a guerra não tinha acabado).

Uma das coisas que lembram inequivocamente o filme de Malick é o tratamento da natureza. Há vários momentos magníficos com imagens da vegetação, imagens de insectos, que nunca chegam a ser propriamente “metáforas” de coisa nenhuma mas funcionam como um comentário poético, filosófico, ou como se lhe queira chamar, à circunstância guerreira que ali se joga. Um desses momentos é mesmo fabuloso: o grande plano da teia de aranha, depois o recuo da câmara para mostrar os soldados que passam, e um deles, o único que repara na teia, fica a olhar para ela com uma expressão que permite todas as interpretações (medo, perplexidade, maravilhamento, por aí fora). Mas ainda no princípio, quando se prepara o desembarque, há aquele plano (que salvo se repete mais à frente) de uma bota a pairar sobre uma barata ou um insecto do género, na iminência de a esmagar. Mais do que uma metáfora simples sobre o acto aniquilatório que subjaz a qualquer guerra, parece uma maneira de dividir politicamente (ou poeticamente, ou filosoficamente, ou outra vez como se lhe queira chamar): uns identificar-se-ão com a bota (porque uma barata é um bicho repelente), outros identificar-se-ão com a barata (porque uma bota, sobretudo uma “bota da tropa”, é um objecto opressivo) – e nesse sentido é evidente que a barata vale por todos os soldados, vale pela “carne para canhão”, porque “men in war are men to kill”, como diz a canção do genérico. É uma dicotomia simples, mas provavelmente não há outra maneira de reduzir as coisas ao essencial, e o filme de Wilde tenta isso, reduzir as coisas ao essencial. E o essencial é o encontro com a humanidade das suas personagens: os flash-backs memorialistas, singularíssimos na forma como são montados e integrados, os monólogos evocativos, a espécie de nostalgia por uma paz doméstica que se tornou longínqua. E isso inclui, claro, o “inimigo”: que bonito é o abraço que Wilde lança às personagens dos japoneses, tratados como homens, apenas, tal como os americanos, com histórias pessoais e casas e famílias que ficaram longe.

Luís Miguel Oliveira